Lucas/Wendy Silva Brito - 2024.1.48.029 - Letras Para Todos

Línguas diferentes, realidades diferentes (ou não)?

Em algum momento da sua vida, você já pensou em traduzir algo, mas não encontrou nenhuma equivalência direta e pensou em como seria se um/a/e falante nativo/a/e de língua estrangeira lesse um poema traduzido? Foi pelo ano de 1930 que o antropólogo Edward Sapir e o arquiteto (interessado por linguística) Benjamin Lee Whorf propuseram a teoria/hipótese do relativismo linguístico, mais tarde reconhecida como hipótese Sapir-Whorf.

No ano de 2016, o filme *A chegada* despertou a atenção de muitos espectadores para a área da linguística, ao retratar como protagonista a personagem que era responsável pelo ato de tradução de humanos para os aliens e também vice-versa, criando uma espécie de conexão entre os mundos. A conexão entre o filme e a hipótese é construída conforme a personagem Louise Banks, uma linguista, começa a aprender a língua dos alienígenas e coisas estranhas começam a acontecer com ela, como se, graças a aprender uma nova língua, ela começasse a se introduzir também em uma nova realidade.

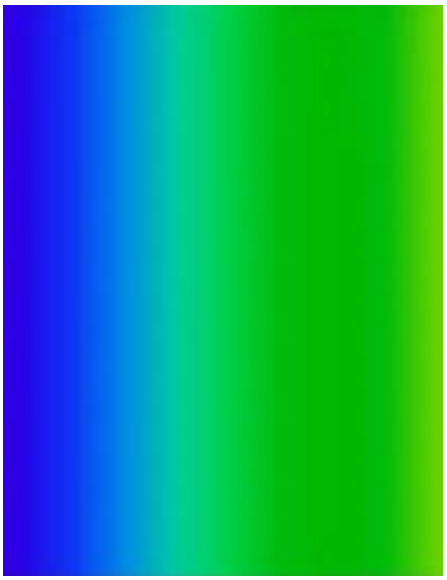
Tomando muita força após o lançamento da obra, já que foi feita assim uma espécie de divulgação maior ao público geral por meio de uma ferramenta *pop*, como um filme, a hipótese, que vem sendo discutida há quase um século, ganhou mais visibilidade e se tornou um tópico de debate recorrente entre interessados/as/es pelo assunto.

Proposta primeiramente em uma forma radical, a hipótese referida como determinismo linguístico propunha que falantes de línguas diferentes enxergassem a realidade de forma diferente. Por exemplo, é como se, em uma conversa entre pessoas de dois idiomas distintos, fosse impossível que estas se compreendessem, afinal, a língua de uma apresentaria elementos inconcebíveis para a outra, ou como se fosse impossível um/a/e falante de inglês ler algo em alemão, como livros, escrituras etc.

Com anos e a argumentação necessária, surge então o que se opunha ao determinismo linguístico proposto pela versão forte da hipótese, que, dessa vez, propunha que a língua influencia, mas não determina, a maneira com que a realidade é vista pelos falantes. Uma das principais determinantes para esse surgimento foi justamente a existência de pessoas bilíngues: se as realidades eram literalmente diferentes, como proposto pela hipótese forte, como essas pessoas sobreviviam com tanta informação, viajando entre realidades, sem terem um excesso de informações que sobrecarreguem o cérebro?

A hipótese em sua versão fraca propõe que, mesmo em uma situação em que as línguas diferentes se encontrem, as pessoas envolvidas nesse diálogo continuam se entendendo normalmente, ainda que com algum grau de dificuldade, seja por vivências diferentes e/ou fatores culturais distintos. Algo que reforça a hipótese em sua versão fraca são as notas de rodapé na literatura. Vamos olhar para o termo *household* em inglês, presente, por exemplo, na obra *Miss Austen and Miss Mitford.* Tradutores em algumas obras optam por "moradores" como uma opção equivalente em notas de rodapé, já que, em tradução literal e direta, *house* significa "casa" e *hold*, "segurar". De certa forma, alguém que segura a casa, em sentido figurado, é seu morador, e isso não significa que essa pessoa está de fato segurando a casa, o que seria humanamente impossível. Segundo a hipótese na versão forte, falantes de quaisquer outros idiomas seriam incapazes de entender que o texto se refere aos habitantes, enquanto na versão fraca, com a ajuda de uma explicação vinda de quem traduziu (pela nota de rodapé), é possível tal compreensão.

Ainda como um exemplo, mas dessa vez mais cultural do que literário, enquanto no português usamos duas palavras para as cores azul e verde, para o povo Tarahumara do México todo esse espectro se chama *syóname*[1]. Segundo a hipótese na versão forte, significa que falantes nativos/as/es dessa língua enxergam o céu e o alface como sendo da mesma cor, o que sabemos que não é verdade, e segundo a hipótese na versão fraca, em algumas ocasiões, esses falantes teriam uma dificuldade maior em explicar a diferença entre o que, para os falantes de português, por exemplo, seria uma blusa verde e outra azul.



Syóname/Verde & Azul
Fonte: Google Imagens - 2024

Estudos feitos (mas não exclusivos, apenas destacados aqui) por Marcondes em 2010, sobre a tese do antropólogo alemão e do arquiteto norte-americano, mostram que a hipótese se sustenta em torno do fator indissociável entre língua, cultura e sociedade.

Então, línguas diferentes podem implicar em pontos de vistas diferentes da realidade já que a sua base cultural e social é diferente. Apesar disso, essas realidades não são inconcebíveis entre si e são comunicáveis, mesmo que com o reforço de métodos e ferramentas de linguagem, como as notas de rodapé, por exemplo.

[1] O canal Enchendo Linguística explica mais sobre esse exemplo em seu vídeo: #5 - Hipótese Sapir-Whorf - A chegada - Parte 1.